



POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DE ERICH FROMM AOS ESTUDOS SOBRE O LAZER

Renata Moraes do Nascimento¹
Nelson Carvalho Marcellino²

RESUMO

Este artigo tem como base a pesquisa bibliográfica. Procura destacar as possíveis contribuições de Erich Fromm aos estudos do lazer. Dá-se destaque à trilogia composta pelos livros *Análise do homem*, *Medo à liberdade* e *Psicanálise da sociedade contemporânea*, com maior destaque a este último. O critério de escolha baseia-se no fato de ser esta a única obra na qual se encontra possibilidade de explorar a questão do lazer e do tempo livre em Fromm. Conclui-se que as considerações de Fromm podem contribuir para os estudos sobre as atividades praticadas no tempo livre do trabalho, sobretudo no que diz respeito aos meios de comunicação e aos produtos culturais fabricados tendo em vista o mercado.

Palavras-chave: Lazer. Teoria. Filosofia.

ERICH FROMM'S POSSIBLE CONTRIBUTIONS TO THE STUDIES ON LEISURE

ABSTRACT

This article is based in literature review. Its aim is to highlight Erich Fromm's possible contributions to the studies on leisure. Emphasis is given to the trilogy formed by the works *The Heart of Man*, *Escape from Freedom*, and *Sane Society*, mainly the latter. The choice criterion is the fact that these are the only works where we find the possibility of exploring the issue of leisure and free time in Fromm. We conclude that Fromm's considerations may contribute to the studies on the activities performed during the free time from work, mainly in what concerns the media and the cultural products aiming at the market.

Keywords: Leisure. Theory. Philosophy.

¹ Licenciada em História. Bolsista de Iniciação científica-PIBIC, CNPQ.

² Livre docente em estudos do lazer-educação física, pela UNICAMP, professor aposentado da UNICAMP, atualmente desenvolve suas atividades no Programa de Mestrado em Educação e de doutorado em Educação, da UNIMEP-Universidade Metodista de Piracicaba-SP. É líder do Grupo de Pesquisa em Lazer-GPL, e membro do ORICOLÉ-UFMG. Líder do Núcleo da Rede CEDES, do Ministério do Esporte, na UNIMEP. Pesquisador bolsista de produtividade do CNPQ.



Erich Fromm (1900–1980) foi psicanalista, cientista social e filósofo. Alemão de origem judaica, teve participação nas pesquisas do Instituto de Pesquisa Social – a chamada Escola de Frankfurt – entre o fim dos anos 1920 e início da década de 1930. Foi autor de uma vasta obra que abrange os campos das chamadas ciências humanas, sendo reconhecido humanista, fiel à tradição clássica do humanismo alemão, que acrescenta ao humanismo uma dimensão psicanalítica. Suas preocupações permeavam a questão da convivência social: melhores formas de convivência, causas psicológicas que permitem o surgimento de sociedades adversas, dentre assuntos relacionados.

O trabalho foi efetuado por meio de pesquisa bibliográfica (PARRA FILHO; SANTOS, 2002; RAMPAZZO, 2002; HUHNE, 2002; SANTOS, 1999; ECO, 1977). O levantamento bibliográfico foi efetuado no Sistema de Bibliotecas da UNIMEP e UNICAMP e em ferramentas acadêmicas disponíveis na Rede Mundial de Computadores. Todas elas foram lidas e estudadas por análise textual, temática, interpretativa e crítica. (SEVERINO, 1980). Nossa pretensão era estudar o autor, inserido entre os representantes da chamada Escola de Frankfurt, visando a encontrar possíveis contribuições em sua obra para os estudos sobre o lazer. Surgiram, então, alguns problemas que consideramos importante relatar.

A partir de Wiggershaus (2002), pudemos perceber que Erich Fromm foi um importante investigador do Instituto de Pesquisa Social na década de 1920 e início da de 1930. Na década de 1930, refugiou-se nos Estados Unidos em virtude da tomada de poder de Hitler sobre a Alemanha. Nos Estados Unidos, Fromm afastou-se do Instituto, assumindo posições antagônicas às anteriores, quando era integrante deste. O único texto de Fromm escrito no período em que fazia parte do Instituto e traduzido para o português é *O dogma de Cristo*, de 1930, no qual não encontramos contribuições para os objetivos de nossa pesquisa. (FROMM, 1986b).

Assim, ao selecionar outros trabalhos – posteriores à sua participação no Instituto – não seria correto figurá-lo num estudo que aborde possíveis contribuições de autores da chamada Escola de Frankfurt em trabalhos acerca de questões relacionadas ao lazer. Isso por dois motivos: o primeiro é que são trabalhos de um período em que Fromm já não fazia mais parte do Instituto; o segundo, e mais grave, é que se trata de um autor que, no decorrer dos anos, tomou posições antagônicas às dos integrantes do Instituto, inclusive às suas próprias posições enquanto participante deste.

Embora saibamos, ainda a partir de Wiggershaus (2002), que no Instituto de Pesquisa Social Erich Fromm realizou estudos sobre o “caráter autoritário”, e possamos notar forte influência desses estudos em nossas leituras desse autor, esse indício não é de forma alguma suficiente para dimensionar até que ponto os textos selecionados para leitura têm compatibilidade com seu pensamento no período em que fazia parte do Instituto. Isso demandaria uma pesquisa que fugiria a nossos objetivos. Além disso, não tivemos acesso a trabalhos de Fromm escritos no período em que fazia parte do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt.

Ainda assim, como nossa pesquisa é parte de um projeto que visa a identificar possíveis contribuições de autores considerados *clássicos da contemporaneidade* – grupo no qual Fromm se encaixa – para os estudos do lazer, prosseguimos com a leitura de Erich Fromm, buscando fazer uma análise da forma como o lazer e o tempo livre se encaixam em sua obra. As obras selecionadas para leitura podem ser consideradas uma trilogia e foram escritas e publicadas nas décadas de 1940 e 1950: *O medo à liberdade*, *Análise do homem* e *Psicanálise da sociedade contemporânea*.



Psicanálise da sociedade contemporânea, que consideramos merecer melhor atenção tendo em vista os objetivos de nosso trabalho, é considerada uma das principais obras de Erich Fromm e foi escrita e publicada na década de 1950. Como o próprio Fromm afirma, esse trabalho dá continuidade às obras anteriores, ambas da década de 1940: *O medo à liberdade* e *Análise do homem*.

Em *O medo à liberdade*, publicado no início da década de 1940 e muito marcado pelo contexto da Segunda Guerra Mundial, Fromm elabora um estudo sobre o *significado da liberdade para o homem moderno*, que culmina na tese de que:

O homem moderno, emancipado dos grilhões da sociedade pré-individualista que simultaneamente lhe davam segurança e o cerceavam, não alcançou a liberdade na acepção positiva de realização do seu eu individual: isto é, a manifestação de suas potencialidades intelectuais, emocionais e sensoriais. A liberdade, não obstante haver-lhe proporcionado independência e racionalidade, fez com que ele ficasse sozinho e, por conseguinte, angustiado e impotente. Este isolamento é intolerável e as alternativas com que ele se defronta são, seja a de escapar do peso dessa liberdade para novas dependências e para a submissão, seja progredir para a realização plena da liberdade positiva que se baseia na originalidade e individualidade do homem. (FROMM, 1986a, p. 10).

Esse estudo faz um diagnóstico do homem inserido na sociedade contemporânea de Fromm e tem um claro objetivo: a vitória do homem ante as *forças totalitárias*. O principal foco de Fromm é a busca do significado da liberdade para o homem moderno e o porquê de ele procurar escapar-lhe. Sua resposta a essa questão é que a partir do fim da Idade Média o homem conquistou maior liberdade, porém essa liberdade trouxe consigo a percepção de individualidade: o homem passa a se reconhecer como indivíduo e não apenas como parte integrante de algo, como seria até o período medieval. Esse reconhecimento de si como indivíduo acarretaria sentimentos de solidão e impotência diante da vida e do mundo ao redor. Segundo Fromm, isso acarretaria um anseio por fugir à liberdade conquistada, anseio esse que faria com que o homem buscasse segurança na submissão a um líder, raça ou Estado. O motivo pelo qual o homem europeu do período em que Fromm escreveu, tempos de Segunda Guerra Mundial, teria se submetido a sistemas totalitários como o fascismo e o nazismo seria a necessidade de vínculos.

Já em *Psicanálise da sociedade contemporânea*, Fromm aborda a questão da liberdade destacando a *vida na democracia do século XX* como outra forma de *fuga à liberdade*.

Segundo Fromm, *Análise do homem*, escrita em meados da década de 1940, é continuação de *Psicanálise da sociedade contemporânea* – esta, por sua vez, seria também continuação de *O medo à liberdade*, em certos aspectos. É um trabalho no qual Fromm desenvolve “a idéia de várias orientações de caráter, substituindo o sistema freudiano do desenvolvimento da libido por outro da evolução do caráter em termos interpessoais”. (FROMM, 1983, p. 11).*(sic)*.

Afirmando ser este um livro no qual tratará da questão “da Ética, das normas e valores que levam à compreensão do Eu humano e de suas potencialidades” (FROMM, 1986a, p. 9), Fromm faz uma análise de sua sociedade contemporânea como um período em que, em virtude da razão, o homem avançou muito na questão do domínio das forças físicas e da construção de edificações materiais inacreditáveis. Mas destaca que, embora haja orgulho por essas realizações de



suposta dominação da natureza e otimismo quanto à situação futura da humanidade, o homem sente-se inquieto e impotente em relação à sua vida social e à sociedade. Isso ocorreria porque, enquanto esteve ocupado em criar maneiras de dominar a natureza, o homem perdeu de vista seu significado, esqueceu-se de si e converteu-se em escravo da máquina por ele mesmo construída, escravo de suas realizações de progresso.

Para Fromm, o cerne do problema estaria na aceitação do relativismo ético, segundo o qual julgamentos de valores e normas éticas são questões subjetivas, não sendo possível que tenham validade objetiva. Assim, segundo Fromm, “as exigências do Estado, o entusiasmo pelas qualidades mágicas dos líderes poderosos, as máquinas potentes e o sucesso material tornaram-se as fontes de normas e julgamentos de valores”. (FROMM, 1986a, p. 15). Porém, defende a alternativa de que as *normas éticas podem ser formuladas pela razão humana*.

Defendendo que a psicanálise deve encarar o homem em sua totalidade, encontrar respostas para o significado da existência e descobrir normas adequadas à sua vivência, Fromm afirma que, com *Análise do homem*, tem os objetivos de:

Reafirmar a validade da ética humanista, de mostrar que nosso conhecimento da natureza humana não conduz ao relativismo ético, senão, pelo contrário, à convicção de que as origens das normas para a conduta ética devem ser encontradas na própria natureza do homem; que as normas morais se baseiam nas qualidades inerentes ao homem e que sua violação produz a desintegração mental e emocional. Procurarei patentear que a estrutura do caráter da personalidade amadurecida e integrada, o caráter produtivo, constitui a fonte e a base da “virtude”, e que o “vício”, em última instância, vem a ser indiferença para com o próprio eu e uma automutilação. Os valores supremos da ética humanista não são a renúncia própria nem o egoísmo, porém o amor-próprio; não a negação do indivíduo, porém a afirmação de seu eu verdadeiramente humano. Para que o homem confie em valores, cumpre que conheça a si mesmo e a capacidade de sua natureza para ser bom e produtivo. (FROMM, 1986a, p. 16-17).

É possível notar que, em *Psicanálise da sociedade contemporânea*, Erich Fromm desenvolve um pouco mais do que chama de *psicanálise humanista*, que já defendia em *Análise do homem*, e passa da crítica de *O medo à liberdade* para sugestões que visam ao *funcionamento* do que chama de *sociedade sadia*.

Como já indicado, *Psicanálise da sociedade contemporânea* será o livro explorado ao abordarmos as considerações de Fromm sobre o lazer. O critério de escolha dá-se pelo fato de ser a única obra em que encontramos a possibilidade de explorar a questão do lazer e do tempo livre nesse autor.

Nessa obra, as indagações iniciais de Fromm permeiam a questão da *saúde mental* das criaturas que compõem a sociedade ocidental do século XX. *Somos mentalmente sadios?* É o que pergunta. Fromm afirma haver uma crença comum de que existe alto índice de saúde mental em sua sociedade contemporânea, porém questiona essa suposta sociedade sadia: destaca a criação de riqueza material no último século, mas também as grandes guerras e chacinas. Destaca que o crescimento econômico está direcionado à produção de armas, ou de produtos dos quais milhões de pessoas continuam necessitando – mesmo que muitas vezes trabalhem produzindo. Nessas contradições, Fromm encaixa a questão do tempo livre:



Temos rádio, televisão, cinema, um jornal diário para todos. Mas, em vez de nos proporcionarem o que há de melhor na literatura e na música, esses meios de comunicação, suplementados pelos anúncios, enchem a cabeça das criaturas de coisas as mais ordinárias, carentes de senso de realidade; de fantasias sádicas que as criaturas de cultura mediana se sentiriam embaraçadas em alimentar ainda que vez por outra. Mas enquanto as mentes de todos, jovens e velhos, são assim envenenadas, providenciamos alegremente para que nenhuma “imoralidade” seja mostrada nas telas. Qualquer sugestão no sentido de o governo financiar a produção de filmes e programas radiofônicos destinados a ilustrar e aprimorar a mente do nosso povo seria também recebida com indignação e acusações em nome da liberdade e do idealismo. (FROMM, 1983, p. 19).

A crítica de Fromm acerca das produções dos *meios de comunicação* e das formas como são utilizados é algo marcante em suas considerações sobre o lazer. No trecho citado, sugere que esses meios de comunicação deveriam proporcionar *ilustração e aprimoramento da mente*, por meio de boas produções musicais, literárias, cinematográficas e radiofônicas financiadas pelo governo. Porém, a realidade que vê é muito diferente: são dominados pelos anúncios e por *coisas ordinárias* que envenenam as mentes dos consumidores. Em outro trecho, por exemplo, Fromm critica a forma como a televisão, os quadrinhos e as notícias veiculadas em jornais promovem a violência e crueldade.

Para Fromm, o homem da sociedade ocidental do século XX não sabe o que fazer nem como lidar com seu tempo livre do trabalho. “Temos hoje mais tempo livre do que os nossos ancestrais poderiam sequer sonhar. Mas que aconteceu? Não sabemos como usar esse tempo livre; tentamos matar o tempo que economizamos ao trabalho e ficamos contentes quando termina mais um dia” (FROMM, 1983, p. 19). O homem alienado é infeliz e está ansioso para matar o tempo, diz Fromm. Para isso, consome diversão como forma de distrair-se de sua infelicidade. O consumo da diversão dá-se pelos meios de comunicação e pelos produtos culturais comercializados, que serviriam como um “remédio contra a exteriorização de sintomas neuróticos”. Sem esse remédio – cinema, rádio, TV e esporte – o homem seria deixado por conta de seus próprios recursos.

Outras considerações de Fromm acerca do *tempo livre do trabalho*, diretamente relacionadas com o que já foi dito, dizem respeito à relação do homem do século XX com as atitudes de consumo. Segundo o autor, os seres humanos têm sempre a necessidade de consumir algo novo, novidade que ama até que surja algo ainda mais novo. Fromm faz algumas considerações sobre o tempo livre:

A atitude alienada com relação ao consumo não apenas existe em nosso modo de adquirir e consumir mercadorias, mas determina, além disso, o emprego do tempo livre. Que podemos esperar? Se um homem trabalha sem verdadeira relação com o que está fazendo, se compra e consome mercadorias de um modo abstrato e alienado, como pode usar seu tempo livre de um modo ativo e significativo? Continua sendo sempre o consumidor passivo e alienado. “Consome” partidas de futebol, filmes cinematográficos, jornais e revistas, livros, conferências, paisagens, reuniões sociais do mesmo modo alienado e abstratificado com que consome as mercadorias que compra. Não participa ativamente, quer “absorver” tudo o que possa ser retirado e gozar todo o prazer possível, toda a cultura possível e também tudo o que não seja cultura. Na realidade, não é livre para gozar o “seu” tempo disponível; seu consumo das horas de lazer está determinado pela indústria, como acontece às mercadorias que compra; seu gosto é manipulado, quer ver e ouvir o que se lhe obriga a ver



e ouvir; a diversão é uma indústria como qualquer outra, fazendo-se o consumidor comprar diversão assim como se lhe faz comprar roupa ou sapato. O valor da diversão é determinado pelo seu êxito no mercado e não por algo que possa ser medido em termos humanos. (FROMM, 1983, p. 138).

Assim, podemos concluir que o tempo livre do trabalho, para Fromm, não é algo verdadeiramente livre. Estaria acorrentado aos *aparatos culturais*, aos *meios de comunicação*, à necessidade de fuga da infelicidade humana, canalizada no consumo como um remédio contra suas ansiedades. Isso resultaria em pessoas conformadas, bem como influenciadas por aquilo que consomem pelos meios de comunicação e pelas mercadorias culturais.

Em suas considerações acerca da proposta para a realização de uma *sociedade sadia* não figuram questões específicas sobre o lazer. Entendemos que isso ocorra talvez porque a solução desse quadro, para Fromm, ocorreria de acordo com mudanças em outras questões associadas ao tempo livre.

Concluimos, por fim, que as considerações de Fromm podem contribuir com os estudos relacionados às atividades praticadas no tempo livre do trabalho, sobretudo no que diz respeito aos meios de comunicação e aos produtos culturais fabricados tendo em vista o mercado. E, embora esse pequeno estudo já encontre diferenças, também encontramos muita compatibilidade no discurso de Fromm sobre o tempo livre em relação a outros autores já estudados da chamada Escola de Frankfurt – Adorno, Benjamin, Horkheimer e Marcuse.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOUN, P. L. **A Escola de Frankfurt**. São Paulo: Ática, 1991.

ECO, U. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

FROMM, E. **O medo à liberdade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

_____. **Psicanálise da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983.

_____. **Análise do homem**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986a.

_____. **O dogma de Cristo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986b.

HUHNE, L. M. **Metodologia científica**: caderno de textos e técnicas. Rio de Janeiro: Agir, 2002.

PARRA F. D.; SANTOS, J. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Futura, 2002.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica**. São Paulo: Loyola, 2002.

SANTOS, A. R. dos. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.



SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo, Cortes, 1980.

WIGGERSHAUS, R. **Escola de Frankfurt**: história, desenvolvimento teórico, significação política. Rio de Janeiro: Difeel, 2002.

Recebido: 11/07/2011

Aprovado: 22/06/2012